



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Discurso Sobre a Proposta de Alteração do Estatuto da Carreira Docente

(A Derrota do Álamo)

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo

O debate em torno do Estatuto da Carreira Docente transformou-se, desde o início da governação socialista, numa batalha – sem tréguas - entre a arrogância e a prepotência do poder e a resistência cívica e corajosa dos professores.

Todos estes acontecimentos me fazem lembrar a épica batalha do Álamo que enfrentou, faz agora 173 anos, os texanos aos mexicanos. Nesse transcendente momento, um punhado de valorosos patriotas americanos logrou resistir, durante 13 longos dias, a um exército mexicano muito superior.

A batalha terminou com o massacre de todos os defensores do Forte Álamo. A verdade é que esta batalha, pelas circunstâncias míticas que a rodearam, se transformou na mais importante das derrotas americanas.

A partir daí, o desejo de desforra dessa derrota – ilustrada pela famosa expressão: “lembrem-se do Álamo” – levou os texanos ao triunfo final nesse conflito.

A história do nosso Estatuto da Carreira Docente tem evidentes semelhanças com os factos históricos anteriormente relatados. Também aqui Álamo é sinónimo de derrota, embora - devido aos acasos em que a História é por vezes tão fértil – o herói de ontem se tenha transformado no vilão de hoje.



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo

Lembro-me bem do Estatuto da Carreira Docente do Dr. Álamo. O que dava com uma mão tirava com a outra mão e os dois pés. É verdade que garantia a carreira única. Em contrapartida garantia também o comando único da classe docente, totalmente manietada pelo sistema de avaliação mais dogmático, subjectivo e omnipresente da História da Civilização.

Com este sistema de avaliação, os pobres dos professores eram avaliados de manhã ao anoitecer. Na doença e fora dela. Nas aulas e nos recreios. Pelos colegas, mas também pela tutela, pelo coordenador, pelo presidente, pela comissão e por todos os que se arregimentassem neste frenético afã avaliador. No desespero, quase cito Almeida Garrett: *“Foge cão, que te fazem Barão! Para onde, se me fazem avaliador?”*

Era assim. Avaliados por todos. Todos os anos do resto das suas vidas. Sem um momento para recuperar o fôlego. Asfixiados por uma burocracia completamente acéfala que direccionava o essencial da energia do professor para si próprio, deixando órfãos os alunos.

Tudo isto se assemelhava a uma espécie de casamento big brother. Aos professores era impingida uma noiva ciosa e controladora, que remexia todos os rincões da independência individual.

A cartilha do bom professor não admitia maus humores ou momentos de menor empenho. Os chefes do sistema deveriam poder assinalar o professor que se esforçava muito para além do que lhe é exigido, sempre com um sorriso nos lábios. Ainda assim, eternamente agradecidos ao Moisés que lhes deu as tabuinhas redentoras do Estatuto Regional da Carreira Docente.



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo

Tudo isto era uma insanidade, uma ofensa à liberdade e à inteligência dos homens. Um convite à bajulação e à delação. O fim de um sistema centrado na comunhão do esforço e das práticas educativas.

Foi então que os professores reagiram e abalaram, com algumas das maiores manifestações da História de Portugal, o Governo da República.

As campanhas de alarme soaram então no Palácio de Sant'Ana. O Presidente do Governo Regional sentiu que existiam nos Açores todas as condições para a contestação docente lhe poder vir a "rebentar" nas mãos.

Com o instinto de sobrevivência que lhe é peculiar, o Presidente do Governo Regional pôs o seu melhor sorriso, apagou o Dr. Álamo da História, e preparou-se para negociar quase tudo o que era inegociável apenas seis meses antes.

Foi tal a pressa que disparou primeiro e perguntou depois. Ou melhor, legislou primeiro e negociou depois. Assim se instalou, mais uma vez, a confusão total entre o partido e o Governo, que entrecruzam simbioticamente assinaturas ao melhor estilo Dupond e Dupont.



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo

O resultado final de tudo isto é um Estatuto da Carreira Docente apenas um pouco menos mau. Uma manta de retalhos que nem sequer me atrevo a remexer muito.

Nem tudo é mau, confesso. Ao menos os alicerces do Forte Álamo da educação ruíram e nem foi preciso avistar os mexicanos.

A última boa notícia é que, desta vez, o Forte Álamo teve sobreviventes. Cabe-nos a todos transformar a nossa história de sobrevivência num forte incentivo para começar a mudar o estado da educação nos Açores. Com o empenho e o entusiasmo de todos. Mas sem esquecer o passado, para não hipotecar o futuro.

Termino com uma frase do velho Oeste: “Lembrem-se do Álamo” e também da Delegação da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores na ilha do Corvo.

Disse!

Horta, 17 de Fevereiro de 2009

O Deputado

Paulo Estêvão